

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS HABILIDADES (META)FONOLÓGICAS EM CRIANÇAS DE DIFERENTES NÍVEIS SÓCIO-ESCOLARES

Wilson Júnior de Araújo Carvalho – PosLA/UECE/UNIFOR

0 Introdução

Consideramos a *consciência fonológica* em dois níveis: o da sensibilidade fonológica (pré-consciência) e o da consciência plena. Nestes dois níveis de consciência, a criança faz uso de suas habilidades lingüísticas de diferentes maneiras para analisar a estrutura fonológica da língua. No nível da pré-consciência (*PreCons*), a criança ainda não seria capaz de fazer declarações explícitas sobre a linguagem e seus usos, embora possa dar-se conta de similaridades fonológicas. No nível da consciência plena (*ConsPl*), por sua vez, a linguagem passa a ser alvo de monitoramento e de declarações explícitas através da própria linguagem. O trabalho se situa no campo dos estudos psicolingüísticos, especialmente no que tange ao debate acerca das inter-relações entre aspectos ulteriores da aquisição da fonologia da língua oral e a aprendizagem dos sistemas alfabéticos de escrita (CARDOSO-MARTINS, 2001; CARVALHO, 1996, 2003; CIELO, 1998, 2001; MORAIS, 1999; MORAIS; KOLINSKY; ALEGRIA; SCLiar-CABRAL, 1998; MORAIS, KOLINSKY, 2000; SALLES, 2001; SOARES; MARTINS, 1989; YAVAS; HAASE, 1988, MELO; CARVALHO, 2008; dentre outros). Pretendemos não somente contribuir para o debate acima referido, mas também trazer dados relevantes para os profissionais da educação envolvidos com o ensino-aprendizagem da língua escrita, em seus aspectos mais iniciais, assim como para os profissionais que atuam na área clínico-terapêutica das dificuldades de aprendizagem do sistema de escrita do português. O estudo tem por objetivo analisar comparativamente o desenvolvimento da consciência fonológica – relativa aos fonemas (na margem inicial da sílaba) – em crianças que se encontram nas séries iniciais do processo de escolarização (jardim I/Infantil III, jardim II/Infantil IV, alfabetização/1º ano e 1ª série/2º ano), em três níveis sócio-escolares, definidos sociolingüisticamente pela escolaridade parental (“A” = nível superior; “B” = ensino médio; “C” = ensino fundamental).

1 Metodologia

Para a definição da amostra do estudo foram realizadas avaliações do desenvolvimento fonológico (sistema de contrastes sonoros e de suas combinações) e das habilidades de processamento auditivo, além de consideradas as informações constantes nas anamneses dos sujeitos. Após a definição da amostra, foram selecionados 31 sujeitos do nível sócio-escolar “A”, 31 sujeitos do nível-sócio escolar “B” e 42 sujeitos do nível sócio-escolar “C”. Aos sujeitos da amostra definitiva foram aplicadas: a) uma tarefa de consciência de fonemas (TCF) para avaliação da *PreCons* e da *ConsPl*; b) um teste de produção de escrita. Por meio do teste de produção de escrita foi possível verificar as estratégias de

escrita utilizadas pelas crianças, o que nos permitiu verificar o grau de conhecimento dessas crianças acerca da base alfabética do sistema de escrita. A tarefa de consciência de fonemas, por sua vez, consistiu de uma série para treinamento e quatro séries experimentais. Cada série é composta por três palavras: uma palavra-alvo e duas palavras-teste (uma que rimava com a palavra-alvo e uma que não rimava). Nos itens das séries experimentais, quando ocorria uma resposta errada, foi feita uma segunda tentativa para a respectiva série de palavras. Às respostas corretas ou incorretas, na primeira ou segunda tentativas, atribuímos escores com o objetivo de qualificar o desempenho dos sujeitos na tarefa. Para cada resposta correta na primeira tentativa, atribuiu-se o valor 2; para cada resposta correta somente na segunda tentativa, atribuiu-se o valor 1; para as respostas erradas, atribuiu-se o valor “0” (zero). Após a atribuição dos escores brutos, estes foram convertidos em percentuais médios de escores (PME).

2 Resultados e discussões

Nível sócio-escolar “A”

Considerando, inicialmente, os dados do nível sócio-escolar “A” (**Figura 1**), segundo CARVALHO (2003), os PME revelam que a sensibilidade aos fonemas iniciais (vide *EP PréCons*) se desenvolve a partir do jardim II, cujo PME é de 34%, pois, no jardim I, o percentual médio de escores é de apenas 4,17%. A consolidação da aquisição da *sensibilidade aos fonemas iniciais* ocorre na série de alfabetização (EP), com PME de 71,30%, e se aprofunda na 1ª série, com PME de 92,25%. A *consciência plena dos fonemas iniciais* (vide *EP ConsPl*), por sua vez, desenvolve-se a partir da série de alfabetização, com PME de 45,10%, mas a aquisição consolidada dessa habilidade acontece somente na 1ª série, com PME de 89,13%. Nas séries anteriores, os percentuais médios de escores são nulos ou praticamente nulos: 0,00% no jardim I e 1,86% no jardim II.

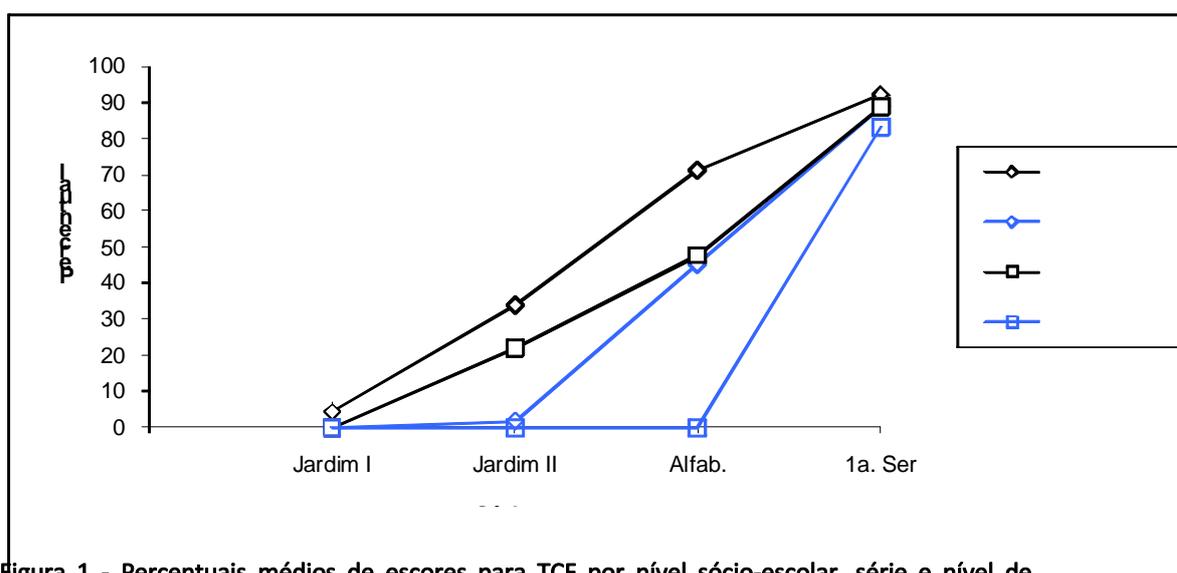


Figura 1 - Percentuais médios de escores para TCF por nível sócio-escolar, série e nível de consciência (reproduzida de CARVALHO, 2003).

Nível sócio-escolar “C”

Tomando por base ainda a **Figura 1**, quando considerados os dados do nível sócio-escolar “C”, conforme Carvalho (2003), pode-se dizer que a *sensibilidade aos fonemas iniciais* (vide *EA PréCons*) também se consolida a partir da alfabetização, cujo PME é de 47,73%. Nas séries anteriores, de modo semelhante ao que descrevemos no nível sócio-escolar “A”, o desenvolvimento dessa habilidade é nulo ou emergente: 0,00% no jardim I e 22,22% no jardim II. Na 1ª série, a *sensibilidade aos fonemas iniciais* se acentua, alcançando o percentual de 89,11% na turma “B” desta série.

Na **Figura 2**, no entanto, podemos verificar que o percentual da turma “A” da 1ª série chega a 85,50%. No que diz respeito à *consciência plena dos fonemas iniciais* (vide *EA ConsPI*), verificamos que ocorre consolidação da habilidade na 1ª série: PME de 75,17% na 1ª “A” (**Figura 2**) e de 83,56% na 1ª “B” (**Figura 1**). Nas séries anteriores à 1ª série (**Figura 1** ou **Figura 2**), não se constatou qualquer desenvolvimento desta habilidade: 0,00% no jardim I, 0,00% no jardim II e 0,00% na alfabetização.

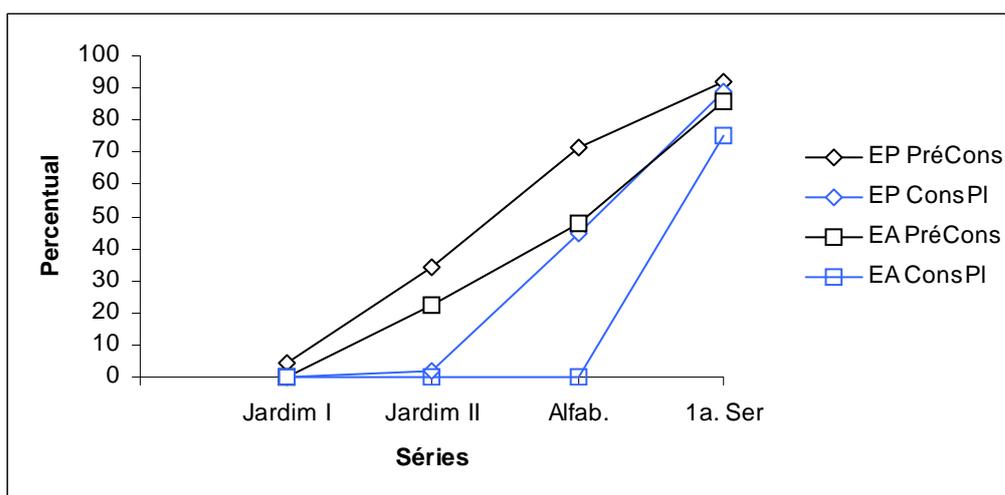


Figura 2 - Percentuais médios de escores para TCF por nível sócio-escolar, série e nível de consciência (reproduzida de CARVALHO, 2003).

Nível sócio-escolar “B”

No nível sócio-escolar “B”, segundo Melo e Carvalho (2008), a *sensibilidade aos fonemas iniciais* (vide *Sensibilidade*) se encontra adquirida a partir do Infantil IV (corresponde ao antigo Jardim II) com PME de 68% e se consolida no 1º ano (antiga *alfabetização*) e no 2º ano (antes *1ª série*) e 3º ano de escolaridade (antes *2ª série*), respectivamente, com PME de 83%, 99% e 98%. A *consciência plena dos fonemas iniciais* (vide *Consciência Plena*), no nível sócio-escolar “B”, também se desenvolve a partir do 1º ano (alfabetização), com PME de 63% e se consolida no 2º ano (*1ª série*) e 3º ano (*2ª série*), respectivamente, com PME de 75% e 80%.

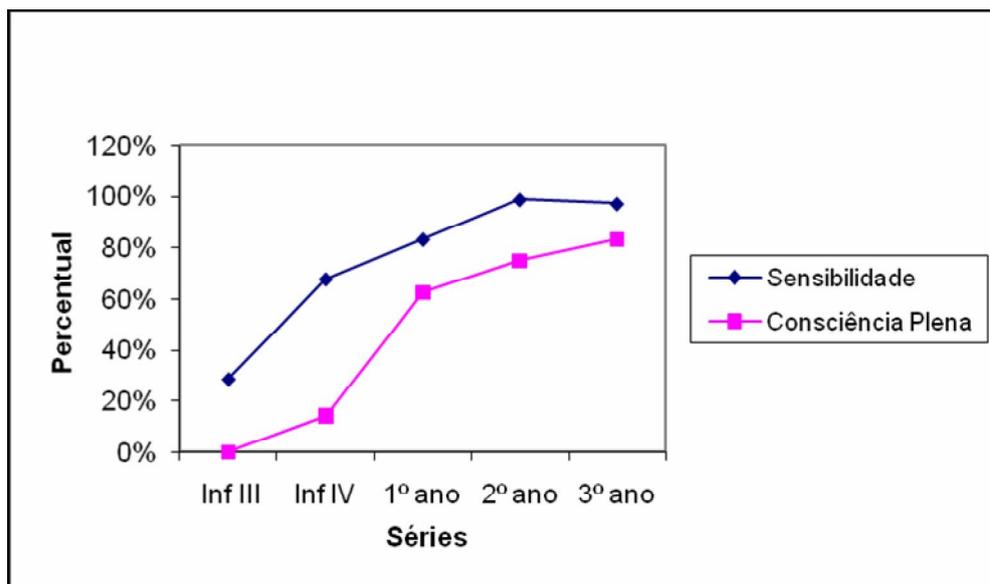


Figura 3 - Percentuais médios de escores para TCF, no nível sócio-escolar "B", por série e nível de consciência (reproduzida de MELO; CARVALHO, 2008).

Os dados apresentados acima sugerem que o desenvolvimento inicial e a consolidação da aquisição da *sensibilidade aos fonemas iniciais* prescindem do letramento alfabético, embora este último exerça um papel fundamental no aprofundamento desse nível de habilidade fonológica. Se o desenvolvimento inicial e a consolidação da consciência dos fonemas iniciais, no nível da pré-consciência, prescindem do letramento alfabético, o mesmo não se pode afirmar em relação à aquisição da consciência plena dos fonemas iniciais, pois esta emerge somente a partir da série de *alfabetização* no nível sócio-escolar "A", no 1º ano (corresponde à *alfabetização* atualmente) no nível sócio-escolar "B" e na 1ª série ("A" e "B") do nível sócio-escolar "C", séries em que a maioria dos alunos detém o conhecimento da base alfabética do sistema de escrita.

Pode-se dizer ainda que há diferentes ritmos de desenvolvimento da consciência fonológica dos fonemas iniciais (sensibilidade e plena) de um nível sócio-escolar para outro. As crianças do nível sócio-escolar "A" e do "B" desenvolvem mais precocemente as habilidades em consciência fonológica (sensibilidade e plena) do que as crianças do nível sócio-escolar "C". Apesar disso, algumas vezes, a consolidação da aquisição de determinada habilidade em consciência fonológica pode ocorrer na mesma série escolar nos três níveis sócio-escolares. Nessas ocasiões, no entanto, em geral, os percentuais médios de escores apontam um melhor desempenho das crianças dos níveis "A" e "B".

Quanto à constatação de que as crianças dos níveis "A" e "B" desenvolvem mais precocemente as habilidades em consciência fonológica (nos dois níveis de consciência) do que as crianças do nível "C", podemos, inicialmente, atribuir isso ao fato de as crianças dos níveis "A" e "B", em relação às crianças do nível "C", aprenderem mais cedo a base alfabética do sistema de escrita. Por esse motivo, as crianças dos níveis "A" e "B" aprofundam primeiro aquelas habilidades em consciência fonológica que são alavancadas pelo conhecimento alfabético, mas que prescindem do mesmo para emergir e se

consolidar, como é o caso das habilidades do nível da sensibilidade fonológica, assim como, desenvolvem e/ou consolidam primeiro as habilidades em consciência plena que surgem em decorrência do letramento alfabético.

Sob esta óptica, para explicar as diferenças nos ritmos de desenvolvimento da consciência fonológica (sensibilidade e plena) entre os níveis sócio-escolares, precisaríamos compreender porque há diferenças no ritmo de aprendizagem da base alfabética do sistema de escrita entre os referidos níveis sócio-escolares (nível sócio-escolar = escolaridade parental).

Todavia, não é a compreensão das peculiaridades da aprendizagem da base alfabética do sistema de escrita em si, entre os níveis sócio-escolares pesquisados, uma condição suficiente para explicar todas as diferenças no ritmo de desenvolvimento da consciência fonológica. Isso ocorre porque as crianças dos níveis sócio-escolares “A” e “B”, em relação às crianças do nível sócio-escolar “C”, apresentam uma maior habilidade inicial em lidar com os constituintes fonológicos antes mesmo que se dê a aprendizagem da base alfabética do sistema de escrita (letramento alfabético).

Nesse caso, portanto, a constatação de que, antes mesmo do letramento alfabético, as crianças dos níveis “A” e “B” desenvolvem mais precocemente as habilidades em consciência fonológica (principalmente as situadas no nível da sensibilidade fonológica), traz como implicação: a necessidade de buscarmos alternativas teóricas para explicar o desenvolvimento das habilidades em consciência fonológica, cujas aquisições não podem ser justificadas pelo domínio da base alfabética do sistema de escrita. Feito isso, poderemos compor um quadro explicativo que dê conta do desenvolvimento das habilidades em consciência fonológica investigadas por este estudo.

Acreditamos que os estudos sociointeracionistas que tratam da inter-relação entre o desenvolvimento da língua oral e o desenvolvimento da escrita, principalmente com relação ao papel das práticas de letramento emergente¹ nessa inter-relação, possam nos trazer novas luzes acerca do processo de desenvolvimento da consciência fonológica. No entanto, neste artigo, não desenvolveremos reflexões a esse respeito.

Conclusões

A aquisição da sensibilidade aos fonemas iniciais prescinde da proficiência dos sujeitos no uso do sistema alfabético de escrita para a emergência e consolidação de seu processo aquisicional. No entanto, a sensibilidade aos fonemas é incrementada (aprofundada) no momento em que esses sujeitos passam a empregar a estratégia alfabética e ou ortográfica na escrita.

¹ As práticas de leitura e escrita não convencionais mediadas pela oralidade (as práticas discursivas orais), levadas a efeito no meio familiar e em situações de intercâmbio social, antes e no decorrer do processo de escolarização (na pré-escola, por exemplo) e que antecedem à alfabetização formal (letramento alfabético) na instituição escolar.

Se o desenvolvimento inicial e a consolidação da consciência dos fonemas iniciais, no nível da pré-consciência, prescindem do letramento alfabético, o mesmo não se pode afirmar em relação ao desenvolvimento inicial e a consolidação da aquisição da consciência plena dos fonemas iniciais. Esta habilidade – a consciência plena dos fonemas iniciais – somente se desenvolve em decorrência do aprimoramento da habilidade de uso do sistema alfabético de escrita. Este aprimoramento ou maior proficiência no uso do sistema de escrita é representado pelo emprego sistemático da estratégia fonética alfabética e/ou ortográfica na escrita

Em outras palavras: no nível da pré-consciência, a consciência dos fonemas iniciais se desenvolve e se consolida anteriormente à aquisição do letramento alfabético, embora possa ser aprofundada por este. No nível da consciência plena, por sua vez, a consciência dos fonemas iniciais somente se desenvolve e se consolida nas séries escolares em que o letramento alfabético se encontra em funcionamento. Dessa forma, a consciência plena dos fonemas exige as habilidades de manipulação dos constituintes fonológicos desenvolvidas durante a aquisição do letramento alfabético, como, por exemplo, a habilidade de segmentar o fluxo da fala em suas unidades constituintes (os fonemas).

Referências

- CARDOSO-MARTINS, C. A sensibilidade fonológica e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. **Cadernos de pesquisa**, v.76, p.41-49, fev. 1991.
- CARVALHO, W. J. de A. **O uso de pares mínimos para avaliação de consciência fonêmica. Dissertação** (Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística, UFC, Fortaleza, 1996.
- CARVALHO, W. J. de A. **O desenvolvimento da consciência fonológica: da sensibilidade à consciência plena das unidades fonológicas.** Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística) – Doutorado em Letras, UFBA, Salvador, 2003.
- CIELO, C. A. A sensibilidade fonológica e o início da aprendizagem da leitura. **Letras de Hoje**, Revista do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da PUCRS, Porto Alegre, v.33, n.4, p.21-60, dez.1998.
- CIELO, C. A. **Habilidades em consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade.** Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001. Em disquete, 3 ½ pol. Word for Windows.
- MELO, L. F. P.; CARVALHO, W. J. de A. O desenvolvimento da consciência fonológica em crianças do nível sócio-escolar “B”: uma contribuição à clínica fonoaudiológica. In: Encontro de Iniciação à Pesquisa, 14., 2008, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2008. 1 CD-ROM.
- MORAIS, J. A psicologia cognitiva da leitura: algumas questões para a próxima década. In: CABRAL, L. G.; MORAIS, J. (orgs.). **Investigando a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral.** Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p.333-346.
- MORAIS, J.; KOLINSKY, R. Neurociência cognitiva e psicolingüística: I. Introdução. **PaLavra** – Revista do Departamento de Letras da PUC – Rio, Rio de Janeiro, p. 63-76, 2000. Organização de: CORRÊA, L. M. S. (Série Linguagem, volume temático II: Processamento lingüístico e aquisição da linguagem).
- MORAIS, J.; KOLINSKY, R.; ALEGRIA, J.; SCLiar-CABRAL, L. Alphabetic literacy and pshychological structure. **Letras de Hoje**, Revista do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da PUCRS, Porto Alegre, v.33, n.4, p.61-79, dez. 1998.
- SALLES, J. F. de. **O uso das rotas de leitura fonológica e lexical em escolares: relações com compreensão, tempo de leitura e consciência fonológica.** Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, UFRGS, Porto Alegre, 2001. Em CD-ROM. Word for Windows.

SOARES, M. B.; MARTINS, C. C. A consciência fonológica de crianças das classes populares: o papel da escola. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.7, n.164, p.86-97, jan. – abr. 1989.

YAVAS, M. S; HAASE, V. G. Consciência fonêmica em crianças na fase de alfabetização. **Letras de Hoje**, Revista do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da PUCRS, Porto Alegre, v.23, n.4, p.31-55, dez. 1988.

